

O papel das mulheres em *Herzog*, de Saul Bellow

The role of women in *Herzog*, by Saul Bellow

THAIS KUPERMAN LANCMAN

Bacharel em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica (USP).

RESUMO Este artigo busca analisar o papel das personagens femininas no romance *Herzog*, de Saul Bellow. Embora seja protagonizado por Moses Herzog, um homem, as mulheres desempenham um papel fundamental na obra de Saul Bellow. Além de um divórcio ser a força-motriz do romance, eis que esse acontecimento deixa Moses no estado mental que dita suas ações ao longo da obra, as personagens femininas são uma continuação dos sentimentos de Herzog em relação à identidade judaica. Moses busca, nos relacionamentos afetivos, a recuperação de diferentes aspectos da relação que teve com sua mãe. Aqui, a figura materna e, portanto, o feminino não se encerram no afeto e na segurança da maternidade, mas esses aspectos se confundem com o próprio judaísmo e sua transmissão.

PALAVRAS-CHAVE *Herzog*, Saul Bellow, literatura judaica norte-americana, mulheres, identidade.

ABSTRACT This article aims to analyze the role of female characters in the novel *Herzog*, by Saul Bellow. Although its main character is Moses Herzog, a man, women play a key role in this work of Saul Bellow. In addition to a divorce being the driving force of the novel, in the sense that this event is what leaves Moses in the mental state that dictates his actions throughout the novel, the female characters are a continuation Herzog's feelings regarding Jewish identity. Moses tries to recover in romantic relationships different aspects of the relationship he had with his mother. Here, the mother figure and therefore the female altogether are not summed up in affection and motherhood security, but these aspects are mixed with Judaism itself and its transmission.

KEYWORDS *Herzog*, Saul Bellow, Jewish North-American literature, women, identity.

Introdução

SAUL BELLOW É UM AUTOR QUE TRABALHOU EXCLUSIVAMENTE COM PROTAGONISTAS masculinos. Entretanto, as personagens femininas são frequentes, ainda que existam em relação a esses homens e seus problemas pessoais. No caso de *Herzog*, romance publicado em 1964, o biógrafo de Bellow James Atlas nota esse fenômeno, apontando que as mulheres presentes no romance estão lá para “atender às necessidades” do professor universitário Moses Herzog, protagonista da narrativa, com “a função primária de aticar os reflexos sexuais de Herzog”. (ATLAS, 2002, p. 337)

Atlas nota que, em *Herzog*, apenas as mulheres mais velhas são tratadas com o mesmo cuidado que as personagens masculinas (ATLAS, 2002, p. 337). É gritante, nesse sentido, a diferença entre a mãe de Moses e Madeleine, a segunda esposa que o trai. Embora Ada Aharoni (1983) afirme que Madeleine é uma personagem construída com bastante profundidade, é notável como Bellow a descreve como calculista e maquiavélica, dotada de uma inteligência que é utilizada apenas para a manipulação de outros. Entretanto, um olhar mais aprofundado a respeito de outras personagens femininas de destaque no romance indica que não se trata apenas de discutir a complexidade dessas personagens em comparação às figuras masculinas no romance, e sim o papel que elas desempenham.

Em *Herzog*, as personagens femininas de destaque são as mulheres com quem Moses se envolve, no papel da mãe ou da amante, ou de uma maneira híbrida: Ramona, Madeleine, Daisy, e Sono, além de sua mãe. Moses possui uma irmã, porém ela é pouco citada no romance, em especial se comparado com a importância que a relação de Moses com os irmãos possui na trama. Neste artigo, partindo da ideia de Atlas de que as mulheres em *Herzog* servem às necessidades do protagonista, procuro explicar uma ideia mais ampla de subserviência, sexualizada ou não. Pode-se entender que, em *Herzog*, as personagens femininas servem à carência do protagonista em termos sexuais mas também contribuem com a busca mais ampla de Moses por compreensão e relevância no mundo moderno, por alento em um mundo que parece querer aniquilar todas as possibilidades do protagonista.

Ao longo do romance, Moses Herzog passa de um estado nervoso para um sentimento de paz consigo mesmo e uma vontade de ficar em acordo com o mundo. A origem manifesta do seu sofrimento inicial é a separação e o adultério cometido por Madeleine; porém, com o desenvolvimento da história, percebe-se que Moses sofre com diversas outras questões, principalmente um sentimento de inadequação no mundo que o cerca. No processo mental pelo qual o protagonista passa, Moses se liberta de definições que os outros fazem dele para construir uma realidade aos seus moldes. Análogo é o seu sentimento em relação às mulheres: “Não tenho sido realmente independente. Acho que estive trabalhando para outros, para certo número de mulheres.” (BELLOW, 2011, p. 228) Esse artigo, portanto, busca esclarecer de que maneira as personagens femininas contribuem com esse processo redentor de Moses, discutindo não apenas sua caracterização subserviente, mas também o papel dessas mulheres como peças-chave na cons-

trução da personalidade de Moses e, principalmente, nas suas reflexões a respeito de sua posição como o Outro na sociedade americana, marcada principalmente pelo judaísmo do personagem.

A figura materna e o lar impossível

Entre as mulheres presentes no universo de Moses Herzog, sua mãe é aquela a quem ele se refere da maneira mais afetuosa. A infância no romance é retratada como um ambiente de segurança e conforto, e a mãe é a principal responsável por isso. Enquanto a relação com o pai é conflituosa, incluindo até a lembrança de um momento em que ele apontou uma arma ao filho, a mãe é carinhosa: “Herzog estava pensando, no entanto, em como ela encontrava forças para mimar seus filhos. Ela certamente mimava a mim.” (BELLOW, 2011, p. 175)

A mãe da família Herzog vivia uma vida de nobreza na Rússia e sofria com a adaptação na América, principalmente por conta das dificuldades financeiras, que a levaram a fazer trabalhos domésticos aos quais não estava acostumada. Mesmo assim, ela cria os filhos sob a sombra da aristocracia de outrora, impedindo-os de trabalhar e insistindo em uma educação refinada. Na única menção de Helen Herzog, irmã de Moses, no romance, é reforçado justamente o esforço em parecer nobre e o fato de que ela tinha aulas de piano:

Sua irmã Helen tinha luvas brancas compridas que ela (a mãe) lavava em uma espuma grossa. Calçava-as para as aulas no conservatório, levando as partituras em um cilindro de couro. Seu diploma emoldurado pendia da parede. *Mlle Hélène Herzog... avec distinction*. Sua meiga irmã empertigada que tocava piano. (BELLOW, 2011, p. 175)

Uma tia paterna de Moses, Zipporah, visita a família esporadicamente, fazendo “inspeções militares” na casa dos Herzog (BELLOW, 2011, p. 174). Ela discorda da decisão de as crianças não trabalharem, insistindo que Jonah, o pai, não deveria ser o único a se sacrificar pela família e critica que Moses e seus irmãos sejam criados como “príncipes e princesas mimados” (BELLOW, 2011, p. 174). A referência à monarquia soa como sarcasmo em relação ao passado nobre da mãe de Moses. Entre a formação privilegiada garantida pela mãe, Moses destaca a educação judaica. A mãe de Moses desejava que ele fosse rabino, e é ela quem Herzog teme decepcionar ao se ver afastado da religião:

Ela queria que Moses se tornasse rabino e ele parecia a si mesmo horrivelmente distante de um rabino agora, de calção de banho e chapéu de palha, o rosto carregado de uma tristeza pesada, totalmente lamentando as coisas de que uma vida religiosa poderia tê-lo purgado. (BELLOW, 2011, p. 49)

Ele também avalia, já adulto, ao ver a si mesmo no espelho, que a ortodoxia religiosa poderia poupá-lo do sofrimento pelo qual passa, ligado ao fracasso profissional, à dificuldade em se integrar à sociedade, e ao casamento que acaba de terminar. Nenhuma dessas frustrações existe na vida ortodoxa. Ironicamente, ele chega a essa conclusão experimentando roupas de banho, o extremo oposto da sobriedade da vida religiosa. Algo que está ligado ao prazer, a momentos felizes e descontraídos, parece não trazer a verdadeira felicidade e tranquilidade, como se elas pudessem ser atingidas apenas pela via uma vez idealizada por sua mãe: a do estudo religioso. Como uma mãe que diz “eu lhe disse” quando o filho apronta, a memória da mãe de Moses surge quando ele se vê perdido em

sua vida, tudo por ter se afastado do que eram as expectativas sobre ele na infância.

Assim, o conforto da vida religiosa e da criação materna se unem na idealização de Moses a respeito da felicidade, inatingível por estar no passado ou em uma realidade paralela em que Moses tivesse se tornado rabino e não um intelectual aos moldes acadêmicos norte-americanos. Do mesmo jeito que ele se refere à infância e à mãe com nostalgia, dizendo que, em meio à pobreza, “tudo que ele sempre quis estava lá” (BELLOW, 2011, p. 176), é possível entender como, no fim do romance, ele se volta para a religião e Deus, ainda que à sua maneira, buscando conforto e orientação como lhe foram apresentados na infância.

A maneira com que a identificação com o judaísmo e os laços maternos estão relacionados pode ser compreendida à luz do papel da mulher na vida judaica na virada do século. Segundo Marion Kaplan:

A observância do judaísmo, mais do que em outras religiões, ocorria no ambiente doméstico, familiar. O judaísmo relegava às mulheres o papel periférico na sinagoga, mas as colocava em um pedestal em casa. (KAPLAN, 1982, p. 12)

Kaplan, que analisou principalmente o fenômeno da assimilação dos judeus alemães no fim do século XIX e início do século XX, introduz uma leitura dos costumes judaicos que também pode ser encontrada em *Herzog*: a de um judaísmo transmitido pela via materna, em contraponto a um pai austero e ausente. Da mesma forma, nos anos 1920, Martin Buber fez “um chamado às mulheres para que retomassem seu papel ambiente doméstico” (LAZAROMS, 2013, p. 84), no sentido de voltarem a educar seus filhos e administrarem a casa segundo as tradições, o que, em

última instância, formaria as bases para a construção de um Estado judaico. Embora não haja em *Herzog* nenhuma inclinação ao sionismo, está presente no romance a ideia de Buber a respeito da mulher como fundamental para a consolidação do lar judaico e, portanto, da transmissão do judaísmo para as gerações futuras. No livro, é a mãe, e não o pai, que insiste na educação religiosa de Moses. Além do desejo da mãe em ter um filho rabino, quando Herzog se lembra do *cheder* que frequentou quando criança, o professor diz:

Tome cuidado, Moses. Sua mãe pensa que você vai ser um grande lamden – um rabino. Mas eu conheço você, sei o preguiçoso que você é. O coração das mães é despedaçado por *mamzerim*¹ como você! (BELLOW, 2011, p. 167)

O rabino enfatiza as expectativas da mãe em relação à educação religiosa, bem como das mães em geral, colocando isso como um costume das famílias judaicas. É a mãe quem coloca o rabinato na mais alta conta, enquanto o pai demonstra interesse na vida profissional, ainda que as sucessivas tentativas façam dele um *schlimazl*, um azarado, sina que Moses herda da figura paterna. Na casa da família Herzog, as tradições judaicas estão sempre presentes, o que se centra na figura materna (até mesmo porque Jonah costuma viajar nas suas tentativas de fazer negócios). Mesmo quando Moses se recorda das orações feitas em família, seu pai está ausente: “Moses e seus irmãos punham seus solidéus e rezavam juntos”. (BELLOW, 2011, p. 176)

Voltando à conversa entre Jonah e a tia Zipporah, Moses recorda a insistência no trabalho infantil, uma vez que os negócios de Jonah jamais prosperavam:

Por que seus filhos têm que frequentar o conservatório, a escola do barão Hirsch e todas essas frescuras? Eles que trabalhem, como os meus. Ela não quer que os filhos dela sejam comuns, disse papai. (BELLOW, 2011, p. 179)

Dessa forma, a mãe de Moses não é apenas o bastião da vida judaica, mas de toda a formação intelectual do protagonista, na qual o judaísmo é um dos pilares. A formação judaica é parte de um projeto de filhos que não sejam comuns, tornando, de certa forma, o sentimento de alienação como plantado ainda na infância, no processo que Marion Kaplan explica:

O envolvimento intenso (das mulheres judias) com a esfera privada da família e com a rede de parentes e amigos judeus, bem como na esfera pública da vida comunitária em organizações judaicas, inibia sua assimilação. (KAPLAN, 1982, p. 23)

É compreensível que o apego ao judaísmo, bem como à vida intelectual, seja algo identificável com a mãe de Moses, e não com o pai. E, por estar ligado à mãe, esse apego corresponde a uma ideia de nobreza. Enquanto Jonah viaja a trabalho, sai para o mundo, é no ambiente familiar e doméstico que as tradições se perpetuam, fazendo com que a tradição seja também um lugar de afeto e proteção, bem como de um senso de completude que se opõe à rispidez do mundo exterior. Assim Moses se recorda da infância na rua em que cresceu:

Napoleon Street, decrépita, de brinquedo, louca e imunda, açoitada e fustigada pelas intempéries – e os filhos do fabricante clandestino de bebidas recitando antigas orações. A isso o coração de Moses estava poderosamente ligado. Ali estava uma gama de sentimentos humanos mais ampla

do que ele jamais fora capaz de encontrar novamente. As crianças da raça, por um milagre infalível, abriam os olhos num mundo estranho após o outro, era após era, e pronunciavam a mesma oração em cada um deles, amando zelosamente o que encontravam. (BELLOW, 2011, p. 176)

A lembrança desse ambiente faz com que Moses veja o judaísmo sob o mesmo prisma da integridade e do conforto que vê a infância e a figura materna, de forma que busque isso ao longo do romance: “Situados em uma cultura estrangeira, entre diferentes religiões, judeus viam a família como as raízes e a segurança que geralmente lhes faltavam.” (KAPLAN, 1982, p. 18)

O papel das mulheres em administrar o lar, a manutenção do judaísmo e a sensação de afeto e completude fornecida pelo ambiente doméstico e familiar são, então, faces de uma mesma moeda. O afeto de Moses pela mãe se estende à infância e às lembranças da casa em que viveu e da rotina familiar, que são irremediavelmente marcadas pelo judaísmo, moldando assim a sua identidade judaica e o reconhecimento dela como fato dado, o qual não cabe afirmar ou negar, muito embora ele gere conflitos internos e reflexões. Essa é a visão a respeito do judaísmo que Saul Bellow manifesta em uma entrevista concedida em 1964, ano de publicação de *Herzog*:

Eu não tenho objeções quanto a ser judeu. Eu simplesmente devo lidar com os fatos da minha vida – uma configuração básica de fatos primitivos. Eles são o que me foi dado. (BELLOW, 1964, p. 33)

Já na vida adulta, Moses parece buscar o amparo da figura materna em outras mulheres, como Daisy, Ramona, Madeleine e Sono. Daisy, a primeira esposa, é construída mais como uma figura materna do

que uma amante. Este casamento de Moses é uma tentativa fracassada de seguir os passos de seus pais no matrimônio e na vida familiar em geral:

Em seu casamento com Daisy, ele repete os papéis que testemunhou e sua própria família na infância; ele se torna seu pai, o marido de difícil trato, o príncipe que quer liberdade das responsabilidades do lar, enquanto Daisy reprisa o papel da mãe Herzog, a esposa e mãe inabalável que está apenas tentando manter a família unida. (CHAVKIN; CHAVKIN, 2011)

Ela também se sacrifica por Herzog, mudando-se com ele para o campo para que ele se dedique aos estudos. Ela é caseira, submissa e leniente com as traições de Moses, sem apresentar caprichos. Como citado, ela representa a tentativa fracassada de Moses de reproduzir integralmente o modelo familiar que lhe foi apresentado na infância, buscando para isso uma mulher ideal, que seria a mais parecida possível com sua mãe. Entretanto, Moses não é seu pai e, enquanto ainda é casado com Daisy, envolve-se com Sono, uma japonesa. O relacionamento extraconjugal é tanto reflexo da sua incapacidade irracional de repetir os passos de seus antepassados quanto do seu clamor voluntário por liberdade e independência dos laços familiares. A traição expõe a forma ambígua com que Moses se relaciona com o ambiente familiar, querendo reconstruí-lo, mas também se sentindo sufocado por ele. Quando passa a trair Daisy com Sono, achando que está rompendo com a família, na verdade a retoma sob outro aspecto. Mesmo sendo japonesa, Sono não escapa da semelhança com a figura materna. Em determinado momento, ela lava as costas do amante, cantando, em um ritual que parece infantil. Sono cuida dele quase como um bebê e o vê como alguém que está “acima de reis e

presidentes” (BELLOW, 2011, p. 201), ou seja, similar à mãe Herzog, que enchia os filhos de cuidados como se fossem príncipes e princesas.

A identificação de Moses com Sono Oguki é reforçada por um estranhamento em comum com a vida na América. Ele afirma que se identifica com ela, pois ambos são orientais ocidentalizados vivendo em solo americano (BELLOW, 2011, p. 207). Além disso, ele conversa com ela em um “francês ídiche divertido, mas inocente” (BELLOW, 2011, p. 212). O ídiche é uma língua que Moses aprendeu em casa e que remete à família e ao ambiente doméstico, especialmente à figura materna, uma vez que, tradicionalmente, o hebraico era uma língua sagrada, restrita à liturgia e aos estudos religiosos, vedados às mulheres. Posteriormente, com a saída dos homens para o mundo do trabalho para além do *shtetl*, a população judaica masculina aprendeu os idiomas locais enquanto as mulheres permaneceram falando principalmente o ídiche. O idioma ainda é conhecido como *momeloschn*, língua mãe. Ao falar um francês ídiche com Sono, Moses parece recorrer a um traço comum no passado para se comunicar com ela, da mesma forma que aponta que ambos são, de certa forma, orientais. Entretanto, o relacionamento de Moses com Sono Oguki jamais evolui para algo sério, e ele a abandona quando se apaixona por Madeleine.

Tanto a atração por asiáticas quanto a busca pela figura materna nos relacionamentos amorosos são figuras comuns na literatura judaica norte-americana. Em *Book of Numbers*, o protagonista Joshua Cohen, homônimo do autor, faz uma anedota deste estereótipo:

Diferente de outros judeus americanos, eu nunca tive uma queda por asiáticas. Eu amei mulheres de todas as raças, e se não as amei igualmente não foi por nenhum viés, apenas minha dieta, cir-

culação, maus hábitos de sono. Mas um fetiche por asiáticas? Não. Eu já pensei nelas como substitutas discretas e subservientes para a minha mãe? Já pensei em alguém como substituta para a minha mãe? Talvez minha irmã. (COHEN, 2015, p. 439)

(Tentativas de) fuga

Madeleine, por sua vez, apresenta uma personalidade mais complexa, afastando-se da figura da mãe judia e até mesmo do judaísmo. A maneira com que Bellow construiu Madeleine é discutida por Ada Aharoni, que estudou as mulheres nos romances do autor, discordando de comentários recorrentes de que elas são superficiais. Para Aharoni, em *Herzog* podemos não apenas ver Madeleine de uma forma “tridimensional” (AHARONI, 1983, p. 100), como inclusive saber seus sentimentos em relação a Moses e o tratamento que ele dá a suas incursões no mundo culto.

Ela não apresenta os sinais de submissão ou admiração incondicional por Herzog, como Daisy ou Sono. Diferente de Daisy, ela não se muda para o campo em completa aceitação. Madeleine reclama e gasta fortunas na reforma. Moses compara a vida no campo que teve com Daisy e a que construiu com Madeleine, em Ludeyville. Daisy “foi obrigada a suportar um gélido inverno no leste de Connecticut enquanto ele escrevia Romantismo e cristianismo” (BELLOW, 2011, p. 153). Madeleine, por sua vez, deixou Moses na função de caseiro, fazia compras de antiguidades com uma amiga e fazia pouco caso dos estudos de Moses. “Maldito seja Hegel, em todo caso, junto com essa casa velha e escrota.” (BELLOW, 2011, p. 158)

Além disso, Madeleine ofende Moses e seu trabalho acadêmico e se dedica à pesquisa de línguas eslavas. Herzog afirma que ela “toma o seu lugar no

mundo culto” (BELLOW, 2011, p. 108). Em entrevista, Saul Bellow afirmou que ele quis criar Madeleine como uma “intelectual bem-sucedida” (BELLOW, 1965, p. 38). Aharoni aponta como Madeleine é uma mulher dona de si, que não se submeteu ao papel de inferior a Moses, buscando estudar, construir sua carreira no meio acadêmico, saindo da sombra do marido. Isso provoca admiração e temor em Herzog. Na mesma entrevista, Bellow afirma que chegou a receber cartas de leitoras, repreendendo o autor por personagens como Madeleine, que “são um mau exemplo” (BELLOW, 1965, p. 39). No romance, Moses, por sua vez, reconhece que deu pouca ou nenhuma atenção aos estudos de Madeleine. Mais do que apegada a um passado, como Daisy ou Sono, Madeleine representa um futuro que seduz e ao mesmo tempo assusta Moses: ele a conhece enquanto ela está se convertendo ao catolicismo, e sua independência de pensamento e obstinação em conquistar um lugar no meio acadêmico são muito mais relacionáveis com a “segunda onda do feminismo”, iniciada nos anos 1960 (ROTH, 2004), do que com o histórico de mulheres passivas com que Herzog estava acostumado desde a infância.

Ada Aharoni, ao analisar Madeleine em *Herzog*, destaca que ela contraria as expectativas de Moses ao não abandonar o trabalho para acompanhar os estudos de Moses. E conclui que parte da frustração da esposa com o marido emerge dessa situação. No jantar com Shapiro, um acadêmico mal-humorado e colega de Moses, por exemplo, fica claro que Madeleine possui um grande domínio de letras eslavas, o que Moses desconhece. Shapiro se mostra interessado nas leituras de Madeleine, enquanto Moses tenta chamar atenção para si. Enciumado, ele “observava a sua esposa, pela qual estava doido de amor, enquanto ela revelava a Shapiro a riqueza de seu intelecto”. (BELLOW, 2011, p. 102)

Quanto ao judaísmo, Moses destaca que ela teve uma “boa formação”, vinda de sua mãe, Tennie (BELLOW, 2011, p. 142). Tennie, inclusive, coloca Moses na posição de salvador de Madeleine no período em que ela está se convertendo ao catolicismo. Herzog, ao contrário, permanece no papel de admirador, ele é submisso e passivo diante da mulher, inicialmente admirando sua devoção, e depois a chamando de atriz, dizendo que “a conversão foi um evento teatral para Madeleine. Teatro – a arte dos novos-ricos, oportunistas, pretensos aristocratas”. (BELLOW, 2011, p. 146)

Gloria L. Cronin aponta que “Bellow escolheu utilizar fórmulas misóginas de maneira consciente, mas preferiu as possibilidades cômicas da fórmula em detrimento do retrocesso que representa” (CRONIN, 2001, p. 149). Madeleine, que segue o estereótipo da “devoradora de homens” (CRONIN, 2001, p. 50), uma mulher dominadora, cruel e extremamente sexualizada, é um exemplo desse tipo de descrição psicológica fortemente negativa que o autor utiliza em diversas de suas obras, e em *Herzog* em especial:

As lembranças infelizes que Moses tem de Madeleine o levam a acreditar que as mulheres são uma força negativa. Durante os cinco dias percorridos no romance, ele repetidamente se lembra de Madeleine, orgulhosa em retaliar e repreender seus atos de forma masculina, e a maneia humilhante e feminina com que Moses se rebaixou, aceitando as críticas que ela fazia. (WU, 2005)

Assim, não apenas Madeleine possui aos olhos de Moses características femininas de manipulação e trapaças, como anula o masculino no protagonista e o coloca em uma posição submissa no relacionamento. Herzog expande isso para todos os aspectos da vida de Madeleine, a fim de provar

sua tese. No casamento, na vida acadêmica e em relação à crença religiosa, ela age de uma maneira que ele considera amoral. Ela não respeita o trabalho de Moses nem a ele como marido, afinal o trai com Valentine. Na concepção de Herzog, que cometera adultério quando casado com Daisy, agora Madeleine é o marido e ele, a mulher. Mais do que isso, há uma mistura da posição de Madeleine enquanto adúltera e em dissonância com o passado e a identidade de Moses, quando ela rouba livros e os deixa na cama. Moses briga com ela, recriando-a por serem livros de autores russos, aqueles que perseguiram seus ancestrais (BELLOW, 2011, p. 89).

Já Ramona, namorada de Moses nos dias em que se passa o romance, parece reunir os arquétipos da mãe e da amante. É com ela que ele se relaciona no seu momento de liberdade. Ramona, além de ter uma grande energia sexual, apoia Moses e cuida dele. Além disso, o relacionamento entre os dois é mais livre, com visitas esporádicas e sem que eles manifestem o desejo de se casarem ou mesmo de viverem juntos. Em Ramona, Moses atinge a realização de um ideal afetivo. Ela une os ideais femininos de Moses, em relação à satisfação do desejo e de um anseio por uma figura materna, o que se alia a uma figura da mulher judia e do seu papel na construção da identidade.

Assim como Madeleine, Ramona é totalmente afastada do judaísmo, mais ainda do que a ex-mulher de Moses, afinal ela apenas possui antepassados judeus e não se reconhece como tal. Ela possui características que poderiam ser situadas na linha do que Moses enxerga na mãe, porém de maneira já afastada daquilo que era o lar judaico da infância. Quando ela cozinha para Moses, por exemplo, ele se lembra do jantar de Pessach em família, porém o prato servido são camarões Arnaud, que, além de serem uma receita típica da cidade de New

Orleans, são um alimento proibido segundo as leis dietéticas do judaísmo. Além disso, Ramona não se resume ao papel maternal: Moses ressalta seu corpo e sua sensualidade, “a relação sexual que não tem nada a ver com *Bildung*” (BELLOW, 2011, p. 51), inclusive em uma conversa com um taxista, que tinha visto Ramona mais cedo e sua beleza tinha despertado a sua atenção.

Entretanto, ao ir a seu encontro em Ludeyville, no fim do romance, Ramona parece ser uma mulher disposta a cuidar de Moses, enquanto ele também cuida dela, cozinhando e oferecendo-lhe flores. Ela é uma figura maternal, porém cuidar e agradar Moses também é fazer com que ele se sinta útil. As diferenças entre Madeleine e Ramona e a transferência de sentimentos e expectativas que Moses faz de uma para a outra são perceptíveis no seguinte trecho:

Por algum tempo ainda será capaz de conquistar mulheres. Todas menos aquela vaca, Madeleine, cujo rosto parece lindo ou então de bruxa. Vá, então – Ramona vai alimentá-lo dar-lhe vinho, tirar seus sapatos, mimar você, amansar sua braveza, beijá-lo, morder seus lábios com os dentes. Então vai descobrir a cama, apagar as luzes e chegar ao que interessa... (BELLOW, 2011, p. 197)

Ramona e Madeleine partem de um mesmo ponto, a sensualidade, a beleza, porém chegam em pontos diferentes. Enquanto Madeleine parece obstinada em sua carreira intelectual, e a prioriza no lugar da carreira de Moses, o que o assusta, Ramona está ali para mimá-lo, como fez sua mãe. Ramona é uma vendedora de flores, portanto inofensiva do ponto de vista acadêmico. E totalmente ligada ao universo do sensível e do prazer. Além disso, Ramona valoriza aquilo que o universo parece ir contra em Moses:

O que Ramona queria dizer, como um elogio, era que ele não tinha levado a vida de um americano comum. Não, suas peculiaridades o haviam governado desde o início. E ele via grande valor ou distinção social nisso? Bem, tinha que suportar essas peculiaridades, portanto não havia razão para que não fizesse uso delas, pelo menos um pouco. (BELLOW, 2011, p. 198)

A mulher com quem Moses termina o romance, então, é a síntese de todas as outras, reunindo suas qualidades e eliminando defeitos. Como a mãe, ela mima Moses, e não quer que ele seja comum. E não ser comum, para essas mulheres e para *Herzog*, é usar de sua intelectualidade e de sua identidade judaica para marcar a diferença com os outros. Quando Moses diz que está atravessando uma mudança de perspectiva, Ramona responde: “Graças a Deus você não destruiu seu patrimônio hereditário” (BELLOW, 2011, p. 228), o que se soma ao conjunto de qualidades da mulher. Ao contrário de Madeleine, que despreza o corpo e a personalidade de Moses no que ele possui de mais judaico, Ramona preza por essa bagagem do passado como algo que merece ser preservado.

Madeleine, por sua vez, é a perdição de Moses. Ela o paralisa, não só com o poder de atração física que ela possui sobre ele, mas também com a sua determinação e o desgarramento que apresenta desde o início do relacionamento entre os dois, quando está se convertendo ao catolicismo. Ela chega a trabalhar com um padre, estuda a língua eslava (que para Moses é algo impensável), deixa-se afastar das raízes judaicas de uma forma que Moses jamais faria. Ao aliar seu poder de sedução ao cristianismo, Madeleine caminha para uma assimilação completa e possível, enquanto Moses é uma força contrária, “o judeu abatido, pecador, de barba por fazer, colocando em risco a redenção

dela” (BELLOW, 2011, p. 145). Moses vence no final, pois ele e Madeleine não se casam na Igreja como ela insistia, e a filha do casal não é batizada. “O catolicismo passou do mesmo modo que a cítara e as cartas de tarô, o pão feito em casa e a civilização russa.” (BELLOW, 2011, p. 152) Entretanto, Madeleine, ao se casar, não se submete aos caprichos do marido. Para Gershon Shaked:

Madeleine, a “bela dama impiedosa”. Ela é uma versão moderna da mulher fatal, que não fere mais as emoções, mas o intelecto. Ela quer destruí-lo espiritualmente, competindo com ele no nível intelectual. (SHAKED, 1988, p. 118)

Ramona representa um passo além nesse sentido: nem mesmo se identifica como judia, de tanto que foram perdidas as tradições no seu histórico familiar. Contudo, algo misterioso, que escapa à lógica, faz com que Moses enxergue em Ramona um alento similar ao da sua infância, porém numa equação adulta na qual o prazer sexual está incluso.

Cabe pontuar que a figura da mulher judia nem sempre foi colocada de maneira oposta à sensualidade. Na cultura vitoriana do século XIX, teve destaque a ideia da *belle juive*, presente na cultura europeia do século XIX. Segundo Nadia Valman:

A judia do período vitoriano, em contraste ao judeu, era idealizada. Bela, passional e leal, ela era vista como a personificação de uma virtude excepcional e um sofrimento agudo. (VALMAN, [s.d.])

A mulher judia é bela e sedutora na cultura vitoriana, em contraponto ao estereótipo do judeu no mesmo período, que carrega o fardo do antisemitismo e é repleto de características negativas.

Na Inglaterra, entretanto, a mulher judia não era apenas uma *outsider* exótica. Ela nunca era simplesmente o Outro, porém mais comumente permanecia na linha entre a identidade judaica e não-judaica. A atraente personagem da judia na literatura e a proliferação de textos em que ela aparece na Inglaterra protestante do século XIX sugerem uma forte identificação com judeus e judaísmo por parte de leitores, concomitante a hostilidades e repulsa. (VALMAN, [s.d.])

Para Valman, a imagem da mulher judia na cultura vitoriana é de uma mulher extremamente sensual, cujo corpo é sedutor e misterioso, ao mesmo tempo que sua personalidade é apaixonada, fazendo-a capaz de se sacrificar constantemente por aqueles a quem ela ama. O estereótipo, que nasceu na cultura britânica, expandiu-se para a literatura, teatro e ópera na França e Alemanha:

Estudos acadêmicos a respeito da figura da *belle juive* na cultura romântica francesa e alemã interpretaram imagens do fascínio exótico que ela exercia e histórias do seu auto sacrifício trágico como uma alegoria que justificasse a subjugação política e a exclusão social dos judeus. (VALMAN, [s.d.])

Como Madeleine e Ramona representam justamente o oposto, elas são muito mais distantes do judaísmo que o próprio Moses, também o modelo da *belle juive* se afasta. Alguma reminiscência de judaísmo nessas mulheres despertaria mais identificação em *Herzog* do que uma atração por um elemento exótico. A relação de Moses com Madeleine é de encantamento, porém por algo que lhe remete à infância. “A resolução dela o fascinava, e em tal fascínio ele descobria sua própria infantilidade.” (BELLOW, 2011, p. 145). Ele se mostra, no

início do relacionamento, em aceitação com sua conversão ao catolicismo, embora diga depois que fazia parte de um jogo excitante que envolvia a disputa pela atenção de Madeleine entre Moses e o monsenhor. *Herzog* é uma vítima dos jogos de Madeleine, mas é justamente todo o esforço que ela faz em se transformar que o atrai, como se ele visse nela uma capacidade de se assimilar – chegando ao limite de buscar a conversão religiosa – que Moses jamais teria. No entanto, Mark Cohen, no artigo *Body Language: Spoken vs. Silent Communication in Herzog*, diferencia Ramona e Madeleine à luz da identidade de cada personagem e também da maneira com que Saul Bellow descreve a aparência das personagens. Madeleine, frequentemente chamada (como Valentine Gerbasch) de atriz, é também, segundo Cohen, alguém que tenta usar a aparência para forjar uma personalidade, embora nem sempre consiga. Em determinado momento, Madeleine insiste que Moses entre na igreja com ela, e assim ela é descrita: “Seu cabelo estava preso para trás sob o chapéu, mas escapava em cachos pelos lados.” (BELLOW, 2011, p. 93) Os cachos descendo ao lado do rosto sob o chapéu parecem fazer referência ao visual dos judeus ortodoxos, que deixam o cabelo crescer na região das têmporas devido ao mandamento que impede que essa região do rosto seja aparada. Sobre este trecho, Cohen afirma:

Madeleine está em desacordo com a fidelidade de seu corpo com o seu espírito e se torna mestre em usar trajes e artista para lutar contra isso. No entanto, é uma batalha perdida. Seu corpo expressa as verdades sobre ela – sua violência, sua condição judaica – e revela simultaneamente a sua tentativa de mascarar esta realidade básica. A imagem mostrada é a de uma mulher quase enlouqueceu fingindo. (COHEN, 2004)

Assim como ocorre com os demais personagens, o corpo de Madeleine expressa uma verdade que contraria o desejo manifesto do indivíduo. Por mais que ela busque a conversão ao catolicismo, e construa essa imagem de uma católica perfeita, algo escapa, como se antecipando que ela não iria adiante com a conversão. Entretanto, toda a construção que ela busca em si, com roupas, maquiagem, e até a maneira de agir, encantam Moses no início do relacionamento entre os dois, e ele também se vê hipnotizado por essa figura.

Quanto menos judias são Ramona e Madeleine, mais Moses parece ser atraído por elas e, diferente da *belle juive*, elas são aquelas que não donas de si, e não figuras de autossacrifício como a judia do período vitoriano. Ramona, por sua vez, não apresenta esse tipo de contradição entre corpo e discurso. Ela já representa outra geração: sua ligação com o judaísmo é muito distante, então ela também está livre do tipo de perturbação que atinge Moses e Madeleine, o que resulta nessa coerência de espírito e corpo que agem em função do prazer. A identidade multicultural de Ramona deixa de ser um fardo, e, ao buscar se relacionar com ela, Moses também busca essa relação mais prazerosa com a própria identidade, o que de certa forma ocorre quando ele está em paz consigo mesmo no final do romance.

Considerações finais

As mulheres com quem Moses se relaciona no romance, tanto as amantes quanto a sua mãe, acabam por refletir diferentes aspectos das questões que o protagonista formula em relação à sua identidade e à situação de estrangeiro sempre rodeado pela assimilação. Há a figura materna, que representa o passado e o legado de que Moses se vê herdeiro. Daisy e Sono, de certa forma, são continua-

ções dessa mãe; despertam em Herzog uma ligação ancestral e o conforto de um ambiente protetor, porém o deixam também entediado, pois Moses, em seu hibridismo e no caminho que faz para aceitá-lo, já não é apenas um judeu, esse indivíduo europeu ou ainda, oriental. Assim, Madeleine e Ramona, as representantes de um passo além na assimilação, despertam em Moses desejo e o instigam de uma maneira que as outras mulheres não faziam. Entretanto, enquanto Madeleine revela, assim como Moses, detentora de algo imutável na sua identidade, aquilo que é denunciado principalmente na sua tentativa frustrada de conversão ao catolicismo, Ramona incorpora a liberdade e o hibridismo que, no final, parece ser o ideal buscado por Herzog.

NOTA

1 *Mamzerim*: Forma plural da palavra ídiche *mamzer*, originária do hebraico, que significa, literalmente, “bastardo”. Por extensão, “degenerado”, “corrompido”, “perverso”.

REFERÊNCIAS

AHARONI, A. Women in Saul Bellow's Novels. *Studies in American Jewish Literature* (1981-), n. 3, p. 99-112, 1983.

ATLAS, J. *Bellow: a biography*. New York: Modern Library, 2002.

BELLOW, S. Saul Bellow Tells (Among Other Things) the Thinking Behind *Herzog*. 1965. Entrevista concedida a Robert Cromie. In: CRONIN, G. L.; SIEGEL, B.

Conversations with Saul Bellow. Jackson: University Press of Mississippi, 1994. pp.37-43.

_____. *Herzog*. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Successor to Faulkner? 1964. Entrevista concedida a Nina Steers. In: *Conversations with Saul Bellow*. Jackson: University Press of Mississippi, 1994. pp. 28-36.

CHAVKIN, A.; CHAVKIN, N. F. A family systems theory approach to Saul Bellow's *Herzog*. *Saul Bellow Journal*, v. 24, n. 2, 1 jan. 2011. Disponível em: www.questia.com/read/1G1-290734091/a-family-systems-theory-approach-to-saul-bellow-s. Acesso em: 23 set. 2016.

COHEN, J. *Book of numbers: a novel*. 1ª edição. New York: Random House, 2015.

COHEN, M. Body language: spoken vs. silent communication in *Herzog*. *Saul Bellow Journal*, v. 20, n. 2, p. 3, 22 set. 2004. Disponível em: www.questia.com/read/1G1-163098648/body-language-spoken-vs-silent-communication-in. Acesso em: 23 set. 2016

CRONIN, G. L. *A room of his own: in search of the feminine in the novels of Saul Bellow*. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, 2001.

KAPLAN, M. A. Tradition and transition: the acculturation, assimilation and integration of Jews in imperial Germany: a gender analysis. *Leo Baeck Institute Yearbook*, v. 27, n. 1, p. 3-35, jan. 1982.

LAZAROMS, I. J. *The grace of misery: Joseph Roth and the politics of exile, 1919-1939*. Boston: Brill, 2013.

ROTH, B. *Separate roads to feminism: black, chicana, and white feminist movements in America's second wave*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2004.

VALMAN, N. *La Belle Juive* (extract). Disponível em: <http://www.jewishquarterly.org/issuearchive/articleee2fe.html?articleid=263>. Acesso em: 2 dez. 2015.

WU, P. N. Saul Bellow and Moses Herzog. *Saul Bellow Journal*, v. 21, n. 1-2, 2005. Disponível em: www.questia.com/library/journal/1G1-188740460/saul-bellow-and-moses-herzog. Acesso em: 23 set. 2016.